

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**REBECA SOUZA DE SANTANA ALVES**

ALMA UNIVERSAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE O ESTUDO DA ALMA  
SEGUNDO AMÉLIA BEVILÁQUA

RIO DE JANEIRO  
2025

Rebeca Souza De Santana Alves

ALMA UNIVERSAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE O ESTUDO DA ALMA  
SEGUNDO AMÉLIA BEVILÁQUA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de Licenciatura em  
Letras na habilitação Português/Literaturas

Orientador: Prof. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado

Rio de Janeiro  
2025

Rebeca Souza de Santana Alves

ALMA UNIVERSAL: UMA ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE O ESTUDO DA ALMA  
SEGUNDO AMÉLIA BEVILÁQUA

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português/Literaturas.

Aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

NOTA:

---

Prof. Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado (UFRJ)  
Orientador

NOTA:

---

Prof. Vanessa Medeiros (UERJ)  
Avaliadora externa

MÉDIA:

## **DEDICATÓRIA**

Às mulheres que vieram antes de mim, com gratidão, por cada porta aberta e por cada passo que tornou o meu possível.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e serenidade para chegar até aqui.

À minha família, por todo amor e apoio incondicional. À minha mãe, Midian Santana, por sua ajuda constante e paciência durante todo o curso e na escrita deste trabalho. Ao meu pai, José Alves, por seu carinho, suporte e pelas incontáveis caronas. Aos meus tios e primos, pela compreensão e afeto, e aos meus avós, que, mesmo não estando mais presentes, continuam sendo parte essencial da minha trajetória.

Aos meus amigos, da faculdade e da vida, que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e nos de dificuldade. À Sarah Suzart e à Thamyres Barbosa, pela amizade genuína e pelo companheirismo desde o primeiro dia de faculdade. Aos demais amigos da graduação, obrigada pelas risadas, pela parceria e pela convivência dentro e fora da sala de aula. Às amigas que, mesmo à distância, nunca deixaram de estar presentes, Ana Beatriz Saraiva, Julia Noronha, Maria Clara Paes, Maria Eduarda Milhomem e Rebeca Cavalcanti, minha gratidão por todas as conversas, risadas, viagens e memórias compartilhadas.

Aos meus professores da graduação e do ensino básico, agradeço por todo o conhecimento transmitido e pelas lições que ultrapassam a sala de aula. Ao meu orientador, professor Marcus Rogério, pela confiança, orientação e pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa. Aos funcionários do Colégio Tauá, obrigada pelos ensinamentos e pelo acolhimento, tanto na época de aluna quanto posteriormente como colega de trabalho.

A todos que fizeram parte desta jornada, meu sincero e carinhoso agradecimento. Nada disso seria possível sem sua contribuição.

## RESUMO

As conferências começam a ser difundidas no Brasil no Segundo Reinado, a partir de 1870, com as chamadas “Conferências populares”, cujo objetivo era a divulgação didática de conceitos científicos, artísticos e literários. Ao longo da chamada Primeira República, as conferências atingem seu ponto máximo de prestígio e popularidade, sendo amplamente praticadas pelos principais escritores do período - de João do Rio e Medeiros e Albuquerque a Coelho Netto e Bilac, passando por Albertina Bertha e Gilka Machado. Neste quadro, destacam-se Amélia Carolina de Freitas Beviláqua e sua conferência *A alma universal*, publicada em 1935. O objetivo desta pesquisa é analisar a referida conferência a partir de dois gestos críticos: um primeiro, empenhado em situar em perspectiva histórica a autora e o gênero escolhido; um segundo, focalizado nas questões internas de linguagem e de temática. A metodologia desta pesquisa consistiu em uma abordagem qualitativa, fundamentada na leitura e análise de artigos acadêmicos e do texto literário selecionado, visando à construção de uma compreensão crítica e interpretativa do tema proposto. Espera-se que ao fim do trabalho seja possível ter uma visão mais ampla sobre o trabalho de Beviláqua como conferencista.

Palavras-chave: Literatura brasileira; literatura de autoria feminina; conferências literárias.

## ABSTRACT

The conferences started to be spread in Brazil in the Second Reign, in 1870, with the so called “Popular Conferences”, whose goal was the pedagogic promotion of scientific, artistic and literary concepts. Over the First Republic, the conferences peaked their prestige and popularity, being widely practiced by the main authors in that period - from João do Rio and Medeiros and Albuquerque to Coelho Netto and Bilac, passing through Albertina Bertha and Gilka Machado. In this scenery, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua and her conference *Universal soul*, published in 1935, stand out. The goal of this research is to analyze said conference from two critical gestures: the first, dedicated to place the author and chosen genre in a historical perspective; the second, focused on the internal matters of language and theme. The methodology of this research consists in a qualitative approach, founded in reading and analyzing academic papers and the selected literary text, aiming to build a critical and interpretative comprehension of the proposed theme. It is expected that by the end of this work it will be possible to obtain a wider picture of Beviláqua's work as a conferencist.

Keywords: Brazilian literature, Women's literature, Literary conferences.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>1 Vida e obras de Amélia Beviláqua.....</b>	<b>12</b>
1.1 A vida de Amélia e sua imagem pública .....	12
1.2 Obras e trabalhos .....	13
1.3 O espaço de Amélia no cânone literário .....	14
<b>2 As conferências literárias no Brasil.....</b>	<b>17</b>
2.1 A mania das conferências .....	17
2.2 Textos suporte para as Conferências .....	19
<b>3 Análise de Alma Universal .....</b>	<b>21</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>32</b>
<b>Referências .....</b>	<b>34</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

A busca pela razão na Europa do século XIX foi de extrema importância para o desenvolvimento dos campos de conhecimento, marcando uma era de transformações intelectuais e sociais profundas. Este período foi caracterizado por uma intensa troca de ideias e uma crescente valorização racional que impulsionaram a Revolução Industrial e, consequentemente, mudanças significativas na estrutura social. A discussão dentro dos campos da Filosofia e da Sociologia gerou um ambiente fértil para o surgimento de novos paradigmas que buscavam “iluminar” a sociedade, promovendo a educação e a disseminação de saberes.

Os filósofos e sociólogos da época começaram a questionar as normas vigentes e a propor novas formas de organização social que refletissem as necessidades emergentes de uma classe média em ascensão. Essa classe, composta por comerciantes, buscava não apenas oportunidades econômicas, mas também conhecimento e cultura. Assim, a educação tornou-se um pilar fundamental para a formação de uma identidade coletiva e para a construção de uma sociedade mais justa e informada.

Dessa forma, foram criados diversos modelos para difundir saberes de variadas áreas, promovendo uma democratização do conhecimento. Entre esses modelos destacam-se as conferências científicas. Este formato, que foi um dos principais meios de divulgação das ciências do século XIX, teve seu início no século XVIII. Segundo Malet (2002, p. 18, tradução nossa), essas conferências eram “normalmente agrupadas em um modelo de séries ou cursos de 10 ou 12 aulas que poderiam durar dois ou mais meses, ministradas por professores universitários ou acadêmicos respeitados”. A partir das primeiras décadas do século XVIII, esta moda se estendeu a quase toda população urbana, “primeiro na Inglaterra e Holanda e depois na França e no norte da Itália” (Malet, 2002, p. 18, tradução nossa).

Não tardou e as conferências foram trazidas para o Brasil, pois os valores que moviam as sociedades europeias eram aqui vistos como um modelo de civilização a ser seguido e, portanto, a elucidação científica era crucial. No Rio de Janeiro, no final do século XIX, com o apoio da Coroa, ficaram conhecidas como as Conferências Populares da Glória, onde se ofereciam diversas aulas dos mais variados assuntos. O responsável da época, o conselheiro Manoel Francisco Corrêa, destacou que o

objetivo principal delas era “instruir o povo nos mais diversos assuntos” (Carula, 2007, p. 87).

Broca (2005, p. 193-200), em seu livro *A Vida Literária no Brasil 1900*, discute a “mania das conferências” e seu desenvolvimento até meados do século XX. Nos primeiros anos no Brasil, elas enfrentaram críticas, pois, segundo colunistas, os temas abordados aqui não eram comparáveis aos da França. Na *Gazeta de Notícias*, em 1875, pode-se observar uma dessas queixas:

Não tivemos ainda conferências populares, o que tem havido são conferências literárias.  
[...] Nas escolas do povo o que observamos é que a tribuna serve de pedestal à vaidade e ao orgulho dos oradores que a nossa boa sociedade vai ouvir depois da missa, porque lhe fica em caminho. É moda ir às conferências, como é moda ir à missa.  
(Odemira, 1875, p.1)

Broca acrescenta, nesse capítulo, que:

Portanto, já em 1878 havia quem considerasse a proliferação do gênero, entre nós uma verdadeira mania [...] uma alusão satírica às famosas conferências da Escola da Glória, promovidas pelo imperador, mais ou menos nessa época, e que naturalmente, tinham contribuído para criar a moda. A verdade é que só na primeira década do século XX a moda ressurgiria com muito maior intensidade (2005, p. 194)

É também nesse período do século XX que começaram a surgir conferências remuneradas. Em outra edição da *Gazeta de Notícias*, há uma crítica a essa prática: “Aqui temos uma evolução digna de atenção. outrora, as conferências eram grátis e os cidadãos deixavam as salas num abandono doloroso. Agora, paga-se dois mil e a sala está sempre cheia” (Joe, 1907, p.1).

Aqui vale evidenciar grandes nomes entre os conferencistas, como Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, João do Rio e Olavo Bilac – este último tendo um grande êxito em sua carreira. De certa forma, o sucesso das conferências pagas acabou por transformá-las, utilizando a expressão de Medeiros e Albuquerque, numa “epidemia insuportável” (apud Broca, 2005, p. 195), a ponto de serem satirizadas não só pelos próprios oradores, mas também por jornalistas, contudo essa moda seguiu firme até mais ou menos o início da Primeira Guerra.

É nesse contexto que se destaca Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, que em 1935 publica *Alma Universal*, obra que este trabalho tem como objetivo analisar. A discussão acerca das conferências literárias no Brasil, e, consequentemente, sobre os conferencistas, tem sido escassa, o que revela um vasto território ainda a ser explorado. Embora existam estudos sobre o período imperial, a primeira metade do

século XX carece de atenção. Além disso, é inegável que o protagonismo do cânone literário é predominantemente branco e masculino, tornando essencial a investigação sob outras perspectivas.

Dessa forma, este trabalho se dedicará à análise de *Alma Universal*, de Amélia Beviláqua, por meio de dois movimentos: o primeiro focará em situar a autora e sua obra no contexto histórico; o segundo examinará o texto, ressaltando questões de linguagem e de temática. A metodologia adotada nesta pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa, fundamentada na leitura e análise de artigos acadêmicos, textos teóricos e do texto literário escolhido, com o objetivo de construir uma compreensão crítica e interpretativa do tema proposto. Para essa pesquisa e subsequente análise, foi feito uma preparação no texto da conferência, atualizando a sintaxe e gramática para as regras ortográficas atuais (ANEXO 1). Espera-se que, ao final do trabalho, seja possível obter uma visão mais ampla sobre a atuação de Beviláqua como conferencista.

## 1 VIDA E OBRAS DE AMÉLIA BEVILÁQUA

### 1.1 A vida de Amélia e sua imagem pública

Amélia Carolina de Freitas Beviláqua nasceu em 7 de agosto de 1860, em Jerumenha, no Piauí, uma das dez filhos de José Emanuel de Freitas e de D. Teresa Carolina da Silva Freitas. Seu pai era jurista e político, foi presidente interino das Províncias de Piauí e Maranhão e nessas províncias também ocupou os cargos de deputado-geral e juiz. Ainda criança, Amélia deixou sua terra natal e mudou-se com a família para São Luís (MA) por conta do ofício de seu pai. Lá iniciou seus estudos, porém veio a concluir-los em Pernambuco. Por ser filha de jurista, ao contrário de muitas mulheres de seu tempo, teve acesso a professores particulares e logo cedo desenvolveu hábito de leitura, além de estudar línguas estrangeiras tornando-se fluente em francês e inglês.

Em 1883, casou-se com Clóvis Beviláqua que também exercia a função de jurista. O casal habitou inicialmente em Alcântara (MA), lugar onde Clóvis assumiu a promotoria pública. Em 1884, mudou-se com o marido para Recife e em 1906, para o Rio de Janeiro, a então capital da República, onde Amélia habitou até sua morte em 17 de novembro de 1946. O casal teve quatro filhas: Floriza e Dóris, nascidas em Pernambuco; Velada e Vitória, nascidas no Rio de Janeiro. Segundo Raimundo Meneses, seu marido e seu irmão foram grandes responsáveis pela paixão de Amélia pelas letras.

A casa onde moraram durante décadas no Rio era “rodeada por um jardim mal cuidado, cercada por diversos animais domésticos e aonde os moradores ao mesmo tempo em que demonstravam certo desapego aos bens materiais conviviam com constantes dificuldades econômicas” (Silva, 2014, p. 141).

Amélia de Freitas Beviláqua é lembrada, ainda hoje, por pessoas já de certa idade que, com ela conviveram no Rio de Janeiro nas décadas de trinta e quarenta do século XX por apresentar atitudes ‘modernistas’ de vanguarda, consideradas até um tanto ou quanto amalucadas. Lembrada como dona de casa excêntrica, onde os animais domésticos disputavam espaços nos sofás e poltronas, onde a banheira servia como ninho para as galinhas em choco e onde os pombos e galos voavam por sobre as cabeças dos vistantes; ou desalinhada e de maus aspecto sob o ponto de vista físico; lembrada ainda como de comportamento avançado sob o ponto de vista moral; muitos esquecem o valor literário que Amélia possuiu (apud Silva, 2014, p.141)

Segundo Falcí, o jeito de Amélia como dona de casa era um alvo constante de críticas e da mesma forma a consideravam uma mulher de aparência física desleixada e com ideias modernistas e avançadas para as décadas de 30 e 40 do século XX.

É evidente que o pensamento conservador e misógino da época não permitia a existência de mulheres intelectuais como Amélia Beviláqua sem reduzi-las a seus papéis sociais de esposas, donas de casa e/ou mães e, a partir disso, desmerecer seu legado como pensadoras e criadoras de importantes trabalhos literário, jornalístico, crítico e filosófico. Virginia Woolf em seu ensaio *Mulheres e ficção*, publicado originalmente em 1929, aponta a grande lacuna na história quando se trata de produções literárias feitas por mulheres e argumenta que isso se deve ao fato de que sobre a história das mulheres muito pouco se sabe.

De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. [...] Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que nos resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram (Woolf, 2019, p. 10)

Essa invisibilização não se dá de forma acidental, mas é resultado de um processo sistemático de apagamento promovido por estruturas sociais e culturais que historicamente desautorizam a presença feminina nos espaços de produção e circulação do saber. Esse processo não apenas compromete o reconhecimento de suas obras, como também dificulta o acesso posterior a elas, que permanecem à margem do cânone e do reconhecimento institucional.

## 1.2 Obras e trabalhos

Amélia foi autora de romances, crônicas, contos e poesias, todos publicados em revistas e jornais do país. Além disso, foi responsável por conferências literárias, cofundadora de algumas revistas e colaboradora de periódicos.

Sua vida literária iniciou bem cedo, “guardava como relíquia o primeiro livro que leu aos oito anos de idade – Paulo e Virgínia” (Mendes, 2007, p.154). No jornal do colégio, publicou contos e poesias; em já na vida adulta, publicou seus trabalhos em diversos jornais do país. Segundo Mendes:

Em 1889, publicou trabalhos em jornais de Recife e na Revista do Brasil de São Paulo [...] Amélia colaborou com a Revista do Brasil em São Paulo durante cinco anos, assinando como A. F. B., e também com diversos jornais do país. Foi uma das fundadoras das revistas: Lyrio, Ciências e Letras,

Literatura e Direito. Colaborava regularmente com o *Almanaque Brasileiro Garnier*, escrevendo em parceria com o jurisconsulto Clóvis Beviláqua, *Encyclopédia e Dicionário Internacional*, t. III, p. 1424 (Mendes, 2007, p.153)

Amélia foi fundadora de três periódicos: *O Lyrio, Ciências e Letras* e *Literatura e Direito*. A revista *O Lyrio* teve como público-alvo o segmento feminino e circulou durante dois anos, no período de 1902 a 1904. Suas edições continham, predominantemente, poesias, crônicas e notícias dos acontecimentos e interesses da sociedade da época, evidenciando uma proposta editorial voltada à valorização da cultura e da participação feminina no espaço público letrado. Já as revistas *Ciências e Letras* e *Literatura e Direito* foram idealizadas e realizadas em coautoria com seu esposo, o jurista Clóvis Beviláqua. No caso específico da revista *Literatura e Direito*, a estrutura editorial era dividida entre os dois: “Na primeira parte, Amélia escreve sobre literatura, e na segunda, Clóvis escreve sobre direito” (Mendes, 2007, p.153).

Ademais, existem escritos inéditos da autora, “sendo que a maior parte deles são manuscritos de contos, palestras, memórias, tragédias e poesias” (Mendes, 2007, p.153).

### 1.3 O lugar de Amélia no cânone literário

Em 1902, Amélia e outras intelectuais fundaram *O Lyrio*, a primeira revista feminina no Nordeste. O editorial do periódico apresenta uma síntese do programa de atuação que o grupo de autoras traçara para ele:

Pernambucanas distintas, tomamos a liberdade de apresentar-vos o Lyrio, um botão ainda, que mal começa a viver, tão frágil e pequenino para suportar os ardores deste sol de verão, quente e abrasador, que irradiando, com a sua fulgurante e imensa labareda resseca os prados, mata as florzinhas delicadas, entristece a própria mangueira, e crestá a nossa pele (*O Lyrio*, ed. 1, 1902, p.1-2)

Segundo Mendes, nessa revista foram publicados “poemas, contos, crônicas, crítica literária das principais escritoras nordestinas e de algumas do Rio de Janeiro, além de traduções de poemas, na maioria de poetas franceses, e algumas fotos de mulheres atuantes na literatura ou ciência” (2007, p. 157). A revista defendia a igualdade de direitos e a educação das mulheres, tratava de diversos assuntos, mas apoiava-se principalmente na literatura.

O periódico circulou de novembro de 1902 até junho de 1904, com Amélia como redatora-chefe e com diversas outras colaboradoras (Candida Duarte Baros, Maria Augusta Freire, Edwiges Sa Pereira, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro, Luiza

Ramalho e Ursula Garcia) atuantes em todas as edições da revista. De acordo com Mendes “Amélia Beviláqua não deixava de aparecer em todos os números da revista, assinando, além de uma ou duas páginas que poderíamos chamar de ‘editoriais’, outros artigos, cujo teor era variado, alguns, especialmente, de crítica literária” (2007, p. 157).

Além dessas suas produções, publicou contos, crônicas e romances, dos quais pode-se destacar: *Através da vida* (1906), *Silhouettes* (1906), *Angústia* (1913), *Açucena* (1921), *Jeannette* (1933) e *Contra a sorte* (1933). Do mesmo modo trabalhou com conferências literárias e em *Alma universal* reúne algumas delas. Na coletânea ela discorre sobre variados temas, desde memórias de sua vida em Recife a temas mais filosóficos com *Prazer e dor*, e o que ela chama de a *Alma universal*, conferência que dá o título à publicação. A autora também “logrou ser membro da Academia Piauiense de Letras e Patrona da Cadeira nº 48 da Ala Feminina da ‘Casa de Juvenal Galeno’ em Fortaleza, CE” (Mendes, 2007, p.164).

Entretanto, sua carreira literária foi igualmente marcada pela rejeição da Academia Brasileira de Letras (ABL), quando se candidatou em 1930 a concorrer à vaga deixada por Alfredo Pujol.

Os imortais, divididos entre aqueles que entendiam que de acordo com o regimento institucional somente literatos do sexo masculino deveriam ser aceitos (como na Academia Francesa, Gouncourt e Italiana) e os que defendiam a inclusão de brasileiros – homens ou mulheres – com obras de destacado valor literário, votaram e, por catorze votos a sete, negaram à Amélia Beviláqua o direito da candidatura (Silva, 2014, p. 146)

Sua candidatura foi polêmica e causa de discussão em relação ao regimento interno da Academia: alguns imortais argumentavam que o termo “brasileiros” do art. 2º do Estatuto da ABL referia-se apenas a cidadãos do sexo masculino (assim como era na Academia Francesa de Letras, modelo que inspirou a ABL) enquanto outros debatiam que o adjetivo incluía a todos – homens e mulheres. No fim, foram sete votos a favor de admitir candidaturas femininas e quatorze contra.

É válido ressaltar que não fosse a própria Amélia a escrever sobre a ocorrência e publicá-la, o caso teria sido eventualmente apagado da história da Academia. Em *Academia Brasileira de Letras e Amélia Beviláqua: documentos histórico-literários* (1930), a autora não apenas escreve sua frustração, mas também se certifica de que o episódio não será esquecido. O volume conta com o seu posicionamento sobre o ocorrido, além de um compilado, selecionado por ela, de discursos, artigos de jornalistas e acadêmicos que reivindicaram a decisão da Academia.

Tendo a Academia Brasileira de Letras recusado a minha inscrição, como candidata à vaga de Alfredo Pujol, provocou revolta natural na mentalidade brasileira contemporânea, que se traduziu em escritos de grandes vibrações e notável elegância de frases, e em outras manifestações mais íntimas, igualmente expressivas de simpatia pela minha causa, principalmente pelo pensamento que a ela, dignamente, deu expressão [...] o golpe deferido contra mim pelos imortais misogenistas, direi mais acertado, que antipatizam com a lembrança da minha candidatura e, violentamente, me afastaram de seu grêmio (Beviláqua, 1930, p. 5-6)

Amélia produziu uma significativa obra literária e crítica que, no entanto, permanece em grande parte inacessível ao público geral, uma vez que “os livros há muito esgotados e nunca reeditados, são encontrados somente em sebos, antiquários e arquivos públicos, no setor de obras raras, não disponíveis para empréstimos.” (Mendes, 2007, p.163).

## 2 AS CONFERÊNCIAS LITERÁRIAS NO BRASIL

### 2.1 A mania das conferências

O período que compreendeu o início do século XX até a Primeira Grande Guerra foi marcado por muitas conferências como *Alma Universal*, eram realizadas sobre temas diversos, desde inovações tecnológicas até os literários e em diversos espaços, como por exemplo na Sociedade de Cultura Artística em São Paulo, no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil etc.

Portanto, já em 1878 havia quem considerasse a proliferação do gênero, entre nós uma verdadeira mania [...] famosas conferências da Escola da Glória, promovidas pelo imperador, mais ou menos nessa época, e que naturalmente, tinham contribuído para criar a moda. A verdade é que só na primeira década do século XX a moda ressurgiria com muito maior intensidade (Broca, 2005, p. 194)

O costume das conferências na verdade não era novidade para o Brasil, já que no final do século XIX muitos já compareciam àquelas que eram ministradas na Glória com o apoio do Imperador. Essa mania voltou com mais intensidade no século XX. A principal diferença entre essas duas épocas foi as temáticas tratadas pelos conferencistas. Enquanto no fim do século XIX seguia-se mais fielmente os modelos estrangeiros, no início do século XX os temas eram mais voltados ao campo da literatura. Antonio Piccarolo, professor e jornalista italiano, apresentou em 1913 uma conferência sobre o movimento romântico no Brasil e logo na introdução afirma que “a Sociedade de Culturas Artísticas não promove conferências científicas; dá simplesmente conferências de vulgarização, como sabeis” (Piccarolo, 1913, p. 3).

Medeiros e Albuquerque afirma “ter sido ele quem, ao regressar de Paris, em 1906, lançara no Rio de Janeiro as conferências remuneradas” (apud Broca, 2005, p. 195), porém já havia relatos de Ferreira da Rosa escrevendo a jornais em 1905 sobre algumas conferências no Instituto Nacional de Música por dois mil réis a entrada: “Enchia-se o recinto de senhoras e homens, para ouvir Coelho Netto sobre ‘as grandes figuras da Bíblia’; Bilac, sobre ‘a tristeza dos nossos poetas’; Bonfin sobre o cinema; Nepomuceno sobre ‘a música popular dessa terra’; Medeiros e Albuquerque sobre o ‘pé e a mão’” (apud Broca, 2005, p. 195). A quem deve ser atribuída a autoria dessa modalidade remunerada não é objeto de interesse para essa pesquisa e sim o fato de que, sob a perspectiva de pagamento, muitos intelectuais de destaque se

interessaram pela ideia, entre eles Olavo Bilac e Coelho Netto. Ao que tudo indica, o novo modelo foi a causa da ressurgência da moda das conferências, pois, de acordo com a *Gazeta de Notícias* “as conferências literárias tornaram-se uma espécie de neurose— e uma neurose que não só é dos que as fazem mas de todo o público que as quer ouvir” (Joe, 1907, p. 1). O jornal ressalta que, se antes eram gratuitas e pouco frequentadas, nesse período, que passaram a cobrar ingresso, mantinham as salas cheias, independentemente do preparo intelectual do orador, muitas vezes reconhecido apenas pela notoriedade de seu nome.

Esse ressurgimento causou antipatia inclusive entre os próprios conferencistas. Broca relata que Medeiros e Albuquerque as classificou como uma “epidemia insuportável” (2005, p. 195) e Bilac fez uma crônica satirizando toda a situação. Nessa crônica de 1907 para a revista *Kósmos*, Bilac ironiza a banalização dos temas escrevendo que:

Tivemos conferências com música, conferências com música e canto, conferências com dança, conferências com projeções de lanterna mágica, conferências com ilustrações a crayon. E parecia que nenhuma outra novidade poderia ser inventada quando se espalhou uma comovedora notícia: o sr. X. ia fazer uma conferência em verso, uma conferência toda em verso, ritmada do princípio ao fim, sem uma linha de prosa (Bilac, 1907, p. 1)

Ele segue narrando cenários fantasiosos para enfatizar sua crítica e finaliza com a seguinte indagação: “Qual será a mania predominante de 1908?” (Bilac, 1907, p.1). De certa forma essa indagação de Bilac se provou correta, pois no mesmo ano já começava uma certa decadência na moda das conferências, embora não fosse algo tão dramático como o autor descreveu.

Epidemia ou não, as conferências foram importantes para sua época, por exemplo “o primeiro estudo de conjunto da obra de Machado de Assis daí provém: resultou das palestras pronunciadas por Alfredo Pujol na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo” (Broca, 2005, p. 196). Todavia, o que dominavam as salas eram “as divagações de pura forma, floreios literários inconsequentes, realçados pelo jogo cromático das antíteses” (Broca, 2005, p.197), aproximando-se bastante do parnasianismo, ao utilizar-se de uma linguagem mais rebuscada e com temas característicos dessa escola.

Quanto ao público, pode-se dizer que era bem heterogêneo.

As salas se enchiam, sobretudo de senhoras e mocinhas muito gentis, muito encantadoras, mas que não possuíam nem instrução regular, nem, por isso mesmo, preocupação literária de espécie alguma. Tinham vindo à cidade pasear ou fazer compras e aproveitaram a ocasião para ir ouvir a conferência do dia. Mas a essas senhoras se juntavam médicos, advogados, engenheiros

ilustres, estudantes homens de letras. Havia de tudo. Se, portanto, o conferencista elevasse o nível de sua palestra, a grande maioria da sala não o compreenderia. Daí a necessidade de satisfazer principalmente à parte fútil, sem, entretanto. Deixar de dar alguma satisfação à outra (apud Broca, 2005, p. 198)

Essa heterogeneia, segundo Medeiros e Albuquerque era o que justificava a superficialidade das conferências, ou seja, o conferencista não podia complexificar os temas, já que assim a maioria dos presentes não os compreenderia.

Entretanto, isso não foi exatamente um problema, já que pode se dizer que o sucesso das conferências esteve ligado, em grande parte, ao seu caráter mundano. E no que se diz respeito aos escritores, elas significavam não apenas uma fonte de remuneração, mas também um meio de autopromoção. Num momento em que o sensacionalismo se introduziu na produção literária brasileira e ainda não existia um sistema estruturado de promoção das obras, essa prática servia para atrair a atenção do público e difundir a própria imagem.

A mania das conferências não se limitou apenas à região metropolitana. Os autores também viajavam para o interior do país e por lá também cultivaram um bom público, porém nem sempre eram bem recebidos, como é possível saber através de relatos e críticas de periódicos da época “Mas nem sempre encontravam uma atmosfera unânime de aplauso os conferencistas em excursão pelos estados” (Broca, 2005, p. 199).

## 2.2 Textos suporte para as Conferências

Para falar sobre as conferências literárias no Brasil é preciso identificar seu surgimento, desenvolvimento e consolidação e a fixação de um conjunto de textos que poderiam ser considerados paradigmáticos, ou mesmo modelares; entretanto, esse trabalho pode apresentar algumas dificuldades devido à natureza oral do próprio gênero.

No Brasil as conferências só passaram a ser transcritas em 1876, três anos após a sua inauguração no país. Segundo Carula “Com a transcrição das Conferências, em 1876, elas passaram a ser impressas em uma revista mensal, intitulada *Conferencias Populares*” (2007, p. 50). Para além disso, “foram poucas as conferências transcritas na íntegra” (Carula, 2007, p.27), ou seja, uma grande porção de conteúdo foi perdida.

Apesar dessas lacunas, ainda é possível identificar um conjunto de textos e autores que se consolidaram como referência. Porém, primeiro é preciso compreender que o que se conhece como cânone na literatura é na verdade um reflexo dos juízos valorativos de críticos e teóricos de uma época. Além disso, é necessário entender que se trata de um gênero pouco discutido e que se coloca de maneira independente em relação a outras produções de seus criadores, mesmo quando, por meio delas, alcançaram êxito tanto financeiro quanto de público.

Como já foi previamente citado, Olavo Bilac foi um dos grandes, se não o maior, entre os conferencistas do século XX. De acordo com Medeiros e Albuquerque “Bilac tinha uma voz muito timbrada, lia e dizia de modo perfeito” (apud Broca, 2005, p. 198), e, felizmente, seu trabalho como conferencista foi transscrito e publicado. O livro *Conferências literárias*, de 1912, inclui doze conferências, entre essas seis que já haviam sido publicadas em outra edição em 1906. Outros grandes nomes da literatura como Graça Aranha, João do Rio, Mário de Andrade e Coelho Neto, além de Medeiros e Albuquerque também tiveram suas conferências publicadas.

O que pode ser observado é que dentre os nomes citados existe uma predominância masculina. Mais uma vez se faz necessário reforçar que a ausência feminina é parte de um problema estrutural, não só presente na história da literatura, mas sim em todas as áreas de conhecimento. Por isso, é importante reconhecer autoras como Gilka Machado, Julia Lopes de Almeida e Amélia Beviláqua como parte do circuito de conferências.

### 3 ANÁLISE DE ALMA UNIVERSAL

*Alma universal* foi originalmente proferida na década de 1930, mais especificamente em maio de 1934, e por isso é importante a contextualização histórica do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro e do mundo para que a conferência seja melhor compreendida. Após desenvolver esse panorama histórico, essa pesquisa tratará das questões de tema e a linha filosófica escolhida pela autora, além disso, é interessante dissecar todos os pontos técnicos da conferência, destacar a linguagem presente e a estrutura do texto.

A política mundial após a Grande Guerra (posteriormente conhecida como Primeira Guerra) foi marcada por um processo de intensas transformações, tanto no campo político quanto no social, que geraram uma sucessão de mudanças estruturais no cenário internacional. Esse período, atravessado por instabilidades, foi caracterizado pelo afloramento de conflitos internos e externos em diferentes países, revelando tensões latentes que se acumulavam desde o fim do confronto. O contexto de fragilidade das democracias recém-formadas e a ausência de um equilíbrio estável entre as potências contribuíram para a instabilidade generalizada, a qual, de forma gradual, acabou por conduzir a humanidade ao desencadeamento de um novo conflito de proporções mundiais. Nesse cenário, a ascensão de governos de orientação fascista na Europa — como o Salazarismo em Portugal, o Franquismo na Espanha, o Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha — reverberou intensamente em todo o planeta, exercendo influência tanto no ocidente quanto no oriente e alterando significativamente os rumos da política internacional.

No Brasil, esse contexto internacional coincidiu com transformações internas de grande magnitude, materializadas no ano de 1930, quando a chamada República das Oligarquias chegou ao fim, dando lugar ao início da Era Vargas. O regime político conduzido pelo presidente gaúcho organizou-se em três fases distintas: Governo Provisório (1930-1933), Governo Constitucional (1934-1936) e Estado Novo (1937-1945). Tal período é frequentemente analisado pela historiografia em razão de suas profundas contradições, que marcaram de maneira decisiva a experiência política brasileira do século XX. A Era Vargas, ao mesmo tempo em que se legitimava pelo discurso da modernização, como por exemplo o voto feminino da constituição de 1934, e pela promessa de integração nacional, foi também marcada por práticas autoritárias

e mecanismos de centralização do poder, o que lhe confere um caráter ambíguo e complexo no panorama histórico nacional.

Nesse contexto, é possível observar em alguns trechos de *Alma universal* as angústias e pensamentos da época, como:

Sou bastante prudente, nada precipito; porém os acontecimentos avançam, correm muito vertiginosos, sob a regularidade de um maquinismo feroz, ao mesmo tempo envolvido em suavidade, num ritmo traiçoeiro, e me empolgam (Beviláqua, 1935, p.41-42)

[...]

A fonte inesgotável das minhas secretas meditações me traz plena certeza de tudo o que observo no seio da humanidade; e tudo me parece triste, uniforme, por vezes, hostil e injusto... Depois de satisfeita a ambição do seu amor próprio, se abisma, na agonia do realismo grosseiro, a frágil humanidade. A política é detestável, estranha, em regra, a todos os sentimentos nobres; nela envolvido o homem, para subir, quantas vezes se arrasta às baixezas e até ao crime.... (Beviláqua, 1935, p. 47-48)

É também nesse período que as áreas das artes, da cultura e da literatura passam a romper com os padrões tradicionais até então predominantes em um movimento artístico e cultural posteriormente denominado modernismo. Esse movimento se destacou por ser marcado pela valorização da liberdade estética, pelo enaltecimento do nacionalismo e, ao mesmo tempo, por um olhar crítico direcionado à sociedade da época. No Brasil, esse processo é marcado com o evento que foi posteriormente consagrado como o ponto inaugural do modernismo brasileiro, a Semana de Arte Moderna, em 1922. Nessa ocasião, artistas e escritores como Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, entre outros, apresentaram expressões artísticas e manifestos inovadores, que não apenas rompiam (parcial ou totalmente) com os cânones vigentes, mas também propunham novas formas de pensar a produção cultural no país.

É pertinente ressaltar que alguns desses autores modernistas, além de suas produções literárias e artísticas, também se dedicaram à realização de conferências, utilizando esse espaço como meio de difusão de suas ideias e propostas estéticas. Por exemplo, Mário de Andrade, que em 1942 esteve presente na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, ocasião em que apresentou sua conferência intitulada *O movimento modernista*, reafirmando o caráter reflexivo e crítico do modernismo.

Algo que da mesma forma chama atenção na conferência, em face desse contexto histórico, é a dedicatória aos senhores da Sociedade Spengleriana. Oswald Spengler foi um filósofo e historiador alemão que marcou o início do século XX, ao

fazer um panorama histórico e tentar prever os rumos da sociedade ocidental, em especial a alemã, com seu livro *A decadência do Ocidente*. A obra foi divida em dois tomos, lançados respectivamente em 1918 e 1922, um período entre as guerras, e na época suas reflexões sobre o clima político e sociocultural foram um enorme sucesso com o público alemão, justamente por sua acuracidade.

Há muito tempo que poderíamos e deveríamos ter encontrado na 'Antinguidade' uma evolução perfeitamente idêntica à da nossa própria cultura Ocidental; "evolução diferente em todos os pormenores superficiais, mas absolutamente análoga no que toca ao impulso íntimo que conduz o grande organismo em direção ao seu remate (Spengler, 1973, p. 45)

Spengler divide a história em períodos e, de certa maneira, atribui uma linha de raciocínio organicista, ou seja, segue a linha sociológica que compara as sociedades a um organismo vivo, tentando associar os fenômenos sociológicos às leis e teorias biológicas. Ele afirma que "A civilização é o destino inevitável de cada cultura" (Spengler, 1973, p. 47) e assim estabelece uma relação temporal entre Cultura e Civilização, transformando-as em períodos consecutivos e inerentes ao desenvolvimento da história.

A arte dórica da primeira fase, a do estilo geométrico, que a partir de 1100 a. C. se opõe à arte minoica, é estreita e áspera. Aos nossos olhos afigura-se como paupérrima. Representa um retorno à barbárie. A grandiosa arquitetura faustiana inicia-se, muito ao contrário, com as primeiras manifestações de uma nova religiosidade (Spengler, 1973, p. 122)

Para o autor, as expressões culturais e históricas de um povo seriam um reflexo de sua alma. Como exemplo, Spengler procurou atestar através de elementos arquitetônicos, artísticos, científicos e urbanos que esses eram representações da alma de um povo em desenvolvimento.

O título da conferência é de extrema importância para entender um pouco das temáticas que serão tratadas. É interessante primeiro compreender a noção de alma, para só então partir para a questão da universalidade aplicada.

O conceito de alma aqui é tratado a partir de algumas teorias, sobretudo a de Aristóteles. Em *De anima*, o filósofo traz suas considerações sobre o estudo da alma, primeiro comentando algumas hipóteses e por fim elaborando sua definição. Para ele, tudo que vive tem alma, pois ela é a substância do ser vivo e não pode ser separada do corpo.

Ora, nas plantas subsiste somente a nutritiva, mas, em outros seres, tanto esta como a perceptiva. E, se subsiste a perceptiva, também subsiste a desiderativa, pois desejo é apetite, impulso e aspiração; e todos os animais têm ao menos um dos sentidos (Aristóteles, 2006, p. 77)

Ele também faz a divisão da alma em potências: nutritiva, perceptiva, intelectiva, deliberativa e desiderativa, afirmando que toda alma deve ter a potência nutritiva, pois essa é responsável pela capacidade de gerar outro como si mesmo, e que os animais têm necessariamente a alma perceptiva sensível, ou seja, apresentam pelo menos um dos sentidos para se distinguir da alma vegetativa.

Entretanto, há ainda alguns outros pontos de vistas teóricos sobre os quais Amélia se apoia para entregar ao público seu próprio entendimento de alma. Ela cita o mestre de Aristóteles, Platão, além de inserir conceitos religiosos e espirituais, que em breve serão mais aprofundados, e igualmente a filosofia positivista serve como fundamento para seu estudo.

A alma do universo, ensina Platão, é o princípio de toda a ordem, de todo o movimento, de toda a vida, de todos os conhecimentos da existência. É desta força divina que as almas individuais se desprendem: a ternura, o amor religioso, tendo por base a veneração, que devemos à humanidade, segundo os positivistas. Aristóteles, que fez também da alma um estudo especial, diz que ela é o princípio da vida, elevando o homem até o pensamento (Beviláqua, 1935, p. 15-16)

É possível também perceber que Amélia aplica um pouco da teoria Spengleriana, quando diz que:

Essas taras reunidas constituem, segundo os casos, os temperamentos distintos dos povos ou as tendências gerais de uma época. Assim, são elas a base das filosofias, da política, de todas as leis, que dirigem as sociedades, e as fazem cair em erros, no racionalismo exagerado ou socialismo revolucionário (Beviláqua, 1935, p. 49-50)

Quanto à ideia de universalidade, na filosofia, mais especificamente no pensamento de Kant, ela é um dos pilares da ética e está vinculada ao conceito do imperativo categórico.

Para o filósofo alemão, “Máxima é o princípio subjetivo do querer; o princípio objetivo (isto é, o que serviria também subjetivamente de princípio prático a todos os seres racionais, se a razão fosse inteiramente senhora da faculdade de desejar) é a lei prática” (apud Andrade, 2011, p. 227). Dessa forma, como seres racionais, os indivíduos têm vontades e agem de acordo com regras estabelecidas por eles, essas regras formam o conceito da máxima.

Se a condição de determinação de uma vontade é válida somente individualmente, ou seja, somente para a vontade de um indivíduo em questão o qual possui um desejo específico ‘A’ (por exemplo, “Quero ser feliz”), nesse caso, a condição de determinação é, portanto, somente subjetiva, válida somente para aquele indivíduo em questão o qual se dá determinado fim ‘A’. Mas, a condição de determinação (o fim ‘A’) pode também ser válida para todo ente racional, e se a condição de determinação é válida para a vontade de todo ser racional sem exceção (necessária) e em

todos os casos (universalmente), a condição de determinação, segundo Beck, é, portanto, objetiva (Andrade, 2011, p. 228-229)

Andrade explica que as máximas são ações aplicadas de forma individual, a partir do momento que essas máximas podem ser aplicadas para qualquer indivíduo racional, elas se tornam leis. Essas ações coletivas são chamadas na filosofia Kantiana de imperativos e são divididos em dois tipos: hipotéticos e categóricos. Os imperativos hipotéticos são ações necessárias para uma finalidade, enquanto os imperativos categóricos são máximas que podem ser universalizadas, ou seja, é uma ação individual que pode ser aplicada a todos os seres racionais. Compreende-se então que para que uma lei seja ética, na visão de Kant, ela deve ser universal. A concepção de universal é, nesse caso, uma generalização, algo que se estende a tudo ou a todos.

Essas noções de alma e de universalidade permeiam todo o texto, manifestando-se de maneira recorrente por meio de metáforas, analogias e simbolismos. A presença desses elementos confere à obra uma dimensão reflexiva mais profunda, uma vez que possibilita ao público perceber, nas entrelinhas, a relação intrínseca entre o humano e o metafísico, entre o particular e o absoluto. A autora faz uso desses recursos expressivos não apenas como adornos estilísticos, mas como instrumentos de construção conceitual que reforçam o caráter filosófico do texto e ampliam seu alcance interpretativo.

Dessa forma, Amélia, já a partir do título, introduz e desenvolve o tema central de sua conferência: o estudo da alma.

Que será a alma, esta deusa formosa, que tem sido adorada até o êxtase, e não somente admirada pelos sentimentos religiosos, mas pela contemplação de sua grandeza, realçando sempre no meio de todos os encantos? Deveremos negar sua existência? Creio que é uma ousadia absurda; ela está em tudo e atrás de tudo (Beviláqua, 1935, p. 14-15)

Com base no pensamento aristotélico e na concepção de ser universal, a autora elabora suas reflexões em torno dessa temática, articulando com precisão o diálogo entre a tradição filosófica e sua própria leitura crítica. Ao recorrer à filosofia clássica, Amélia não apenas fundamenta seus argumentos, mas também confere legitimidade e profundidade ao seu discurso, estabelecendo uma ponte entre o legado intelectual da antiguidade e as inquietações de seu próprio tempo. Assim, sua abordagem se consolida como um exercício de reflexão que, embora ancorado principalmente em Aristóteles, busca expandir a compreensão sobre a natureza da alma e sua universalidade.

A alma universal transforma-se em muitas almas. É misturada na multidão que encontramos a alma natural, tendo o mesmo fenômeno da sensibilidade física, quer seja a vegetativa quer a animal.

Assim como descobrimos em nosso corpo os vestígios da alma divididos em fenômenos, que são a luz que nos alumia os tortuosos caminhos, também os encontramos nas coisas e nos animais.

Para exemplo, aqui estão os esplendores de que vivemos cercados. Nada poderá ter vibração sem a alma (Beviláqua, 1935, p. 17-18)

Ao falar sobre uma alma universal nesse trecho, a conferencista introduz a ideia de uma alma primordial que, segundo a proposta aristotélica, se divide em diversas outras almas em diferentes contextos, porém sempre ligada à ideia de uma substância da vida. Um dos primeiros exemplos utilizados é o cenário do Rio de Janeiro, na época, capital da República.

Figuremos esta bela capital do Rio de Janeiro, o seu luxo de aristocráticos jardins, de formosíssimas avenidas; o conjunto impressionante da arte maravilhosa; o jorro de luz estendido pela cidade, inundando os espaços, onde o murmúrio das brisas e as ondulações das vagas se entrechocam e vem morrer nas praias, recebendo, nos revérberos deste hálito marinho, a magnificência verde, os perfumes das folhagens, a inspiração da musa em flor...

Que valor teria a grandeza deste espetáculo e o fracasso de suas quedas, se não fosse a alma se extravasando de dentro desta vida? A alma é indefinida, é impossível sondá-la, porém sabemos que existe e sentimos o seu poder... (Beviláqua, 1935, p. 18-19)

Para Amélia, a alma pode ser percebida a partir da forma como o indivíduo se relaciona com o meio que o cerca, sendo esse contato um reflexo direto da interioridade humana. Assim, observa-se no trecho analisado que a linguagem empregada pela autora desempenha um papel essencial na construção de imagens vívidas, que não apenas despertam a imaginação do leitor, mas também produzem um efeito de aproximação entre o público e o espaço descrito.

Por meio de uma escolha atenciosa de palavras e de uma composição discursiva poética, Amélia consegue suscitar sensações e percepções que transcendem o plano puramente racional, conduzindo o leitor a uma experiência estética e emocional mais profunda. Dessa forma, a linguagem torna-se um instrumento de epifania, capaz de traduzir a presença da alma nas relações estabelecidas entre o sujeito e o ambiente que o envolve.

Na crônica *A rua*, João do Rio realiza um movimento semelhante ao de Amélia, ainda que a partir de um gênero textual diferente: “Ora a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (Rio, 2024, p. 13). Ao personificar a rua e atribuir-lhe uma alma, o cronista parte do axioma de que, se toda rua é viva, então toda rua possui alma. Essa concepção confere ao espaço urbano uma

dimensão simbólica e existencial, na qual o inanimado ganha vida por meio da sensibilidade do observador. Assim como Amélia, João do Rio utiliza a linguagem como meio de aproximação entre o humano e o ambiente, estabelecendo um vínculo que revela o caráter sensível das relações cotidianas e a presença do espírito nas formas mais simples da realidade.

Uma das alegorias recorrentes na conferência é a do deserto. Essa imagem evoca diversos significados, em diversas culturas e religiões ao longo do tempo, sobretudo as orientais. Para tradição cristã o deserto aparece inúmeras vezes no livro sagrado, de forma metafórica ou literal, representando principalmente um lugar de mudança e passagem. No hinduísmo pode representar o vazio, desolação. Para os budistas pode se referir às consequências das ações, como uma forma de eco do karma, ou até mesmo um símbolo para isolamento e desafios em uma jornada espiritual.

Na conferência, o deserto é citado quatro vezes e, em cada uma dessas vezes, está associado a sentimentos de solidão e caos:

A lenda ensina que a alma, desvairada de paixão verdadeira, prefere os *desertos*, por onde se deixa ir e encontra o direito de se julgar, sob o domínio de visões sagradas. Nada absolutamente consegue desviá-la desta ideia única: o seu amor (Beviláqua, 1935, p. 33) Imensa monotonia me traz essa hora mortuária. Tenho a sensação do *deserto*, de um caos profundo, aberto em plena alma (Beviláqua, 1935, p. 39) Por vezes, tenho a impressão de um *deserto* insondável, não creio em mais nada, parece que o meu ser vai se extinguindo, numa nuvem, e se desfazendo, lentamente, como a fumaça (Beviláqua, 1935, p. 51) Nessa miragem dos *desertos*, acreditando nos tormentos, o homem se paralisa respeitoso, falando, livremente, à alma solitária, movida pelos tremores da brisa (Beviláqua, 1935, p. 59-60)

O uso de referências clássicas também é um dispositivo literário utilizado no texto para uma aproximação do público com o conteúdo que está sendo discutido. Olavo Bilac em sua conferência *A tristeza dos poetas brasileiros* (1912) se utiliza muito desse recurso para fundamentar suas teorias e sustentar seus argumentos: “Na Bíblia, são verdadeiras e admiráveis elegias as queixas de Jó, as lamentações dos profetas, os hinos de Davi” (Bilac, 1912, p. 36). Amélia também o faz em certo grau em *Alma universal*, não trabalhando somente com citações diretas, mas também com a intertextualidade, como nesse trecho onde ela faz alusão à fênix “Nossa alma será, então resistente, como era aquela ave celebrada na mitologia?! Depois de queimada e reduzida a cinzas, ainda feliz renascia...” (Beviláqua, 1935, p. 25).

Outro recurso estilístico empregado nas conferências são as indagações retóricas ao longo do texto. Tanto Beviláqua, quanto Bilac, quanto Mário de Andrade

propõem questionamentos para o público, gerando uma reflexão sobre o tópico discutido. Isso não apenas gera o mesmo sentimento de conexão com o público como as metáforas e analogias já mencionadas, mas faz parte de toda a questão performática necessária para apresentar esse gênero. Como foi previamente discutido na introdução e na seção sobre as conferências, essas tinham um caráter oral e performativo, o que pode ser percebido nas transcrições. A técnica da retórica é aplicada nesse caso, visto que o objetivo das conferências era passar uma mensagem de forma esclarecedora através de argumentos bem estruturados.

A alma dos seres também é encontrada na variedade e na forma  
 Teria graça a flor se, dividida em muitas flores, fosse sempre a mesma rosa  
 branca ou encarnada, o mesmo tamanho, a mesma cor e o mesmo perfume?  
 Amar-se-iam, por acaso, homens e mulheres, sendo sempre os mesmos, a  
 mesma feição?

Onde se acharia a alma da beleza do universo nesse molde único?

A alma exterior de todos os objetos é o contraste — beleza e feiura.

Não é a alma da ilusão a crença no sonho irrealizável? (Beviláqua, 1935, p. 21-22)

Aqui, Amélia constrói, por meio de uma série de indagações, uma posição não apenas em relação às questões de estética, mas também ressaltando a relevância das diferenças e dos contrastes como elementos que constituem o pensamento. Alma no texto passa a assumir uma função de sinônimo para essência dos seres ou dos ideais abstratos, como por exemplo a beleza. Assim, a autora evidencia que a estética não se limita à contemplação do belo, mas envolve também a valorização das multiplicidades que compõem a experiência humana e o fazer artístico.

De igual forma, observa-se que o uso de concepções religiosas se faz presente ao longo do texto, com o propósito de oferecer uma perspectiva diferente acerca do tema abordado. A autora recorre, principalmente, a referências oriundas da tradição cristã católica, utilizada como base para refletir sobre a maneira pela qual a alma é compreendida e vivenciada por meio da fé. Assim, a dimensão religiosa não aparece apenas como um recurso ilustrativo, mas como um elemento constitutivo do discurso.

E esta outra alma espiritual que os crentes afiançam existir?

Vai muito além, longe, tão longe, nas alturas infinitas sobreviver, deixando,

desapiedadamente, o corpo sobre a terra...

[...]

Assim como os fenômenos do mundo físico, os morais e os sociais estão sujeitos a transformações, passando de um estado a outro, a alma humana, segundo alguns, também se refaz.

Depois de nos deixar, toma a forma etérea dos anjos, ou fica purgando os pecados, ou, ainda, atormentada nas profundezas do inferno?!

Seria assim uma horrível imortalidade: reviver para sofrer de novo?!

(Beviláqua, 1935, p. 25-26)

Contudo, Amélia logo em seguida demonstra ser contrária a esse credo ao afirmar que “É muito doce pensar nas venturas da outra vida, na planura que nos reserva infinitos gozos. Entretanto, esta querida ilusão, ao mais simples tropeço, cai por terra, inanimada e fria; o fim do mundo para o que morre, eu penso, é a morte.” (Beviláqua, 1935, p. 27-28).

Outra concepção de grande relevância para a presente análise é a de liberdade. Esse conceito, que permanece até os dias atuais como um tema sensível e amplamente debatido nas esferas política, filosófica e ética, é abordado na conferência sob uma perspectiva particular, na qual a liberdade é apresentada como algo inalcançável, uma condição inexistente no âmbito da experiência humana concreta.

A alma grandiosa de altivez é a liberdade; mas esta não existe. Quem poderá gabar-se de ter plena independência? Era preciso que cada um vivesse de si próprio e da sua própria seiva, também se alimentasse, numa solidão física e moral...

A liberdade sonhada pela humanidade não é mais do que linda miragem furtiva... O curso inevitável de toda existência é sempre este, invariavelmente: temer, respeitar, humilhar-se, ser eternamente escravo... A sentença é atroz, martirizante, mas não há remédio... (Beviláqua, 1935, p.54-55)

Essa reflexão crítica trazida pela autora evidencia a distância entre a noção abstrata e a realidade prática da humanidade, problematizando a ideia de autonomia e ressaltando a impossibilidade de sua plena realização.

Em um contexto de pós-guerra, torna-se compreensível a adoção de uma visão mais niilista e pessimista em relação a esse tema. As consequências do conflito deixaram marcas profundas na sociedade, influenciando a maneira como se pensava o ser humano e os valores que até então sustentavam a ideia de liberdade. Além disso, havia no Brasil o fator do governo de Vargas. O desencantamento com as promessas de progresso e razão, somado à experiência da destruição e da perda, contribuiu para o surgimento de um sentimento generalizado de descrença e desamparo.

Também não é possível ignorar a análise que Amélia realiza acerca da própria alma. Embora não seja desejável, nesta pesquisa, adotar uma linha de pensamento que centralize a vida pessoal da autora como chave exclusiva para a compreensão de sua obra, é igualmente impraticável desconsiderar que aspectos de sua biografia se manifestam de forma sutil, porém significativa, ao longo do texto. Esse momento de reflexão pessoal se configura como um elemento que enriquece o debate e confere autenticidade à reflexão apresentada.

Ela inicia essa autorreflexão expondo seus sentimentos em relação à humanidade, revelando, entretanto, certa apreensão diante da hostilidade e da incompreensão possíveis diante de suas ideias. Mais uma vez, a construção poética do discurso se destaca como recurso expressivo fundamental, capaz de traduzir as nuances emocionais de modo mais eficaz do que o raciocínio puramente argumentativo melhor ilustrando a ideia que deseja ser passada:

Que recados desgastantes me trazem as brisas, na doçura dos perfumes do ambiente, o sol flamejando, alegremente, à luz de suas vibrações contando os segredos da felicidade prometida, lembranças carinhosas.

Nesta confortável temperatura, há transbordamentos de ternuras. Não diviso o fingimento e sou a mais ditosa das criaturas que passam pela terra... À tarde, o coração não é mais mesmo; definindo em quebranto, se desfolha aniquilado... Surgem os imprevistos desamáveis... Tudo se evapora; a realidade atroz, irmã da morte, abafa as mais belas primaveras da vida (Beviláqua, 1935, p. 36-38)

Uma interpretação possível desse trecho pode indicar que a autora, através de metáforas, relaciona a passagem do tempo com uma visão menos esperançosa da vida, pois ao longo da vida o ser humano se depara com demasiadas decepções e desencantos, tornando-se menos suscetível de um olhar positivo. Essa noção é fundamentada pelo próximo trecho quando diz que “sinto, pairando em todas as coisas, a tristeza, a aproximação da velhice, o cheiro dos túmulos...” (Beviláqua, 1935, p. 38).

Nessa parte, Amélia foca nos seus sentimentos e cria um debate interno entre eles, ora falando num tom mais pessimista, ora tentando encontrar motivos para alegria e reforçando sua paixão pela humanidade. Ela chama de “dualidade de sentimentos contrários” e afirma que passa longos períodos “cheia de desânimos e nostalgia” (Beviláqua, 1935, p. 42). Além disso, ela ainda faz alguma alusão sobre os comentários feitos sobre sua aparência, alegando apresentar-se de forma simples e natural.

Por fim, a autora encerra sua conferência adotando uma perspectiva de valorização da vida, que se apresenta como contraponto à atmosfera de pessimismo predominante em seu tempo. Amélia pondera que, embora o período histórico fosse marcado pelo caos, pela instabilidade e por um sentimento generalizado de decadência, a morte não constitui, para ela, uma via de fuga ou um refúgio diante do sofrimento.

Não acompanho os pessimistas que julgam a melhor conquista da felicidade a morte. Em verdade, a vida é um anseio estertorante, a agonia entrelaçada de torturas, é uma doença contínua; também é impureza, tirania abominável; mas a morte é a escuridão, o insondável, o despenhadeiro profundo, onde

somente consegue vegetar o micrório, a podridão, que corrompe a beleza, e tudo que há de grande e admirável, até o mérito (Beviláqua, 1935, p. 60-61)

Ao contrário, sua conclusão sugere uma postura de resistência e afirmação diante da existência, na qual a vida é reconhecida em toda a sua complexidade — com suas dores, contradições e imperfeições —, mas ainda assim digna de ser preservada e compreendida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial ao realizar essa pesquisa era analisar *Alma universal*, através de leitura e interpretação de artigos acadêmicos, textos teóricos e do texto literário, trazendo algum contexto sobre a autora Amélia Beviláqua e o gênero das conferências.

Sobre a autora, foi possível observar como se deu sua escalada literária em um ambiente que lhe era hostil, considerando que nesse momento da história, a humanidade era ainda mais machista e conservadora que nos dias atuais; haja vista a recusa de concorrer a uma cadeira na ABL e os comentários acerca de sua aparência e casamento.

Acerca das conferências, pode-se compreender um pouco sobre sua organização, temas mais frequentes e seu contexto no continente europeu e, eventualmente, no Brasil. Aqui, com o apoio do imperador Dom Pedro II, que tinha grande estima pelo conhecimento e acesso a cultura, as primeiras conferências foram ministradas no salão da Escola da Glória e tinham objetivo de instruir o povo.

Em suma, é possível inferir a partir dessa análise que a obra é deveras pertinente, pois expõe não apenas a capacidade técnica da autora, para além de seus romances e participações em periódicos, mas também seu conhecimento crítico e teórico sobre um tema tão complexo quanto o estudo da alma.

A relevância deste trabalho reside no reconhecimento de Amélia como conferencista. É necessário ressaltar, mais uma vez, a maneira como a linguagem e a construção poética da autora são utilizadas como método argumentativo, apresentando seus temas sob uma perspectiva filosófica. De igual modo, a pesquisa retoma a existência de um gênero de aptidões orais e performáticas e de extrema importância para a divulgação de conhecimento, sobretudo das áreas das ciências e da literatura, participando do movimento de trazer as luzes da razão tão propagada na Europa, mas ainda incipiente por aqui.

Para essa pesquisa, houve um processo de preparação do texto de *Alma Universal*, cujo intuito é produzir uma nova edição da obra, com notas de introdução e sintaxe e gramática atualizadas de acordo com as regras ortográficas vigentes, o que contribuiu para que a realização dessa análise fosse facilitada.

Entretanto, durante o desenvolvimento deste estudo, algumas dificuldades foram encontradas. Uma delas foi a escassez de material sobre as conferências,

especialmente aquelas realizadas no século XX — período marcado por tantas mudanças nos cenários político e das artes e repleto de debates acerca de diferentes temas — tais como textos teóricos e críticos. Outro percalço foi a insuficiência de conferências transcritas, o que também impõe limitações à sua análise. Há também a questão da evidente predominância masculina, uma problemática recorrente nos estudos literários, pois apresenta apenas uma perspectiva em relação às temáticas tratadas.

Dessa maneira, é possível afirmar que a discussão aqui levantada, através da análise de *Alma universal* e de uma breve contextualização da autora e do gênero, não se encontra esgotada, uma vez que ainda há múltiplos caminhos a serem explorados. Pode-se citar como exemplos a serem pesquisados outras conferências de Amélia, conferências de autores mais populares, citados no corpo deste trabalho, bem como conferências de demais autores e autoras menos evidentes, que se forem estudados, poderão apresentar novos pontos de vista.

Sendo assim, espera-se que novas pesquisas sobre esse tema sejam produzidas, a fim de que propostas e debates sejam construídos para ampliar os saberes acerca desse conteúdo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas: Maria Cecília Gomes dos Reis. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2006. 360 p. (1ª reimpressão, 2007).
- BROCA, Brito. **Capítulo XIII.** In: *A vida literária no Brasil – 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005. p. 193-202.
- BILAC, Olavo. **A tristeza dos poetas brasileiros**. In: *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: F. Alves & Cia, 1912. p. 29–60.
- ANDRADE, Renata Cristina Lopes. **Máximas e leis na filosofia prática de kant: uma divisão inclusiva ou exclusiva?** Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. I.J, n. 6, p. 225-239, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrrn.br/saberes/article/view/947>. Acesso em: 2 out. 2025.
- CARULA, Karoline. **As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)**. 179 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2007
- FANINI, Michele Asmar. **A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua**. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 149-177, jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts>. Acesso em: 30 de junho de 2025.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: [s.n.], 1875-1956. Diária. Fundado por Manuel Carneiro, Ferreira de Araújo e Elísio Mendes. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_01&pagfis=1](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_01&pagfis=1). Acesso em: 1 dez. 2025. Localização: Publicações Seriadas - PR-SPR 02764
- KOSMOS: *revista artística, científica e litteraria*. Rio de Janeiro: Oficina Typographica de J. Schmidt, 1904-[1920?]. Mensal. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>. Acesso em: 22 nov. 2025. Localização: Publicações Seriadas - PR-SPR 00150
- MALET, Antoni. **Divulgación y popularización científica en el siglo XVIII: entre la apología cristiana y la propaganda ilustrada**. *Quark*, n. 25, p. 13-23, 2002.
- MENDES, Algemira Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. p. 150-184. Orientadora: Regina Zilberman.
- O LYRIO: *revista mensal*. Recife, PE: Imprensa Industrial, 1902-1904. Mensal. Redatora-chefe: Amelia de Freitas Bevilacqua. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=828343>. Acesso em: 28 jul. 2025. Localização: Publicações Seriadas Raras - PR-SOR 06036 [1] 3
- RIO, João do. **A rua**. In: *A alma encantadora das ruas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2024. p. 12-42.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. **Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua**. *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 138-161, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis>. Acesso em: 16 de julho de 2025.
- SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Tradução: Herbert Caro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 441 p.

STEFANIU, Wellington. **Do arcadismo ao romantismo: similitudes e especificidades na construção do cânone nacional.** Revista de Literatura, História e Memória, [S. I.], v. 12, n. 20, 2017. DOI: 10.48075/rlihm.v12i20.14983. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/rlihm/article/view/14983>. Acesso em: 5 set. 2025.

## ANEXO

Texto preparado, atualizando a gramática e sintaxe para as regras ortográficas atuais.

Alma Universal

Aos Senhores da Sociedade Spengleriana

Nos primeiros momentos da evolução da filosofia, entre os gregos como entre outros povos antigos, segundo afirmam os cientistas, ela era, unicamente, indicada como amor pela sabedoria, quero dizer, compreendia então, esta profunda ciência, o conjunto de todo saber humano.

Entretanto, algumas escolas, como a de Sócrates e a dos estoicos, mostram tendências para limitar a filosofia à doutrina da moral. Foi vivendo assim o ensino e recebido, por toda a parte, sem preocupação. Mais tarde, deste conjunto que constituía a filosofia, se foram, progressivamente, destacando as ciências, por se sentirem melhor na existência autônoma e independente. Assim a filosofia, se reduziu às seguintes partes: psicologia, lógica, moral, metafísica e teodicéia. Facilitando mais a compreensão, abria melhores caminhos. Esta disciplina, interessante e muito curiosa no seu desenvolvimento, por vezes difícil e quase impenetrável, pretendia entrar até a natureza íntima das coisas.

Mas a psicologia, depois de muitas oscilações, passou a ser estudada pelo método experimental, e, desde então, evadiu-se muito sorrateira, tornando-se independente.

E haverá ciência mais vasta, mais confusa e trabalhosa de ser estudada do que a ciência da alma?

Depois dos fenômenos do cérebro, coração e outros vindos da própria natureza, espontaneamente, colocar-se defronte dos nossos olhos, não encontramos, na vida, senão hipóteses metafísicas, a ciência dos princípios e das causas originais, objeto principal da filosofia clássica. Eu aplaudo o movimento dos que levantam objeções à metafísica; e Kant salientou-se entre eles. Foi necessário compreender a filosofia por outro modo, achando que ela não era uma ciência propriamente, porém a generalização do saber fornecido pelo agrupamento das ciências abstratas. O ofício da filosofia penso que é depurar, numa síntese, os resultados a que possam chegar às ciências todas juntas, fazendo a união de um saber profundo, universal. Esta grande revelação do infinito da sabedoria foi pressentida por diversos dos antigos filósofos, como Platão e Epicuro; entretanto, os modernos tanto pelejaram que a tornaram evidente. Parece assim, ao meu modo de sentir, muito melhor.

Cada ciência tem o seu cantinho especial; encontrando a matéria e a força em suas variadas manifestações. A física as vê por uma forma, a química, a biologia e a sociologia por outras.

Com todas essas riquezas fornecidas pelas ciências, a filosofia chega a firmar conceito definitivo da matéria e da força, dizendo que a primeira é a causa permanente de nossas sensações e a segunda é a própria matéria em ação ou movimento...

Com esse grande contingente de ciências, se enrolando e desenrolando no seio da humanidade pesquisadora, ficam ainda os mais atilados dentro de um caos, aturdidos na fusão e confusão das ideias, formando, para bem dizer, um mundo inteiro de alucinados dentro de um enorme salão sem saída. Se, uma vez por outra, querem aportar em algum terreno seguro, onde encontrem um ponto de repouso,

imediatamente se abalroam nos montões de teorias possíveis, porém ainda não provadas, e os desgraçados continuam encalhados, perdidos no angustioso caminho das dúvidas.

Que será a alma, esta deusa formosa, que tem sido adorada até o êxtase, e não somente admirada pelos sentimentos religiosos, mas pela contemplação de sua grandeza, realçando sempre no meio de todos os encantos?

Deveremos negar sua existência? Creio que é uma ousadia absurda; ela está em tudo e atrás de tudo, brilhando no sol matinal, na frescura das flores, na representação da alegria, na consciência; é a liberdade, o começo de toda a humanidade, a grandeza infinita, o sentimento, o coração aberto a todas as emoções, o caminho que conduz ao bem e ao mal. O que quer que seja, essa alma desconhecida, insondável, área ou fugitiva, não é possível tirar-lhe o poder da soberania absoluta.

A alma do universo, ensina Platão, é o princípio de toda a ordem, de todo o movimento, de toda a vida, de todos os conhecimentos da existência. É desta força divina que as almas individuais se desprendem: a ternura, o amor religioso, tendo por base a veneração, que devemos à humanidade, segundo os positivistas. Aristóteles, que fez também da alma um estudo especial, diz que ela é o princípio da vida, elevando o homem até o pensamento.

Não será a alma da vida o próprio prazer de viver, o amor repercutindo, desde o raio de luz ao infinito dos céus?

A alma universal transforma-se em muitas almas. É misturada na multidão que encontramos a alma natural, tendo o mesmo fenômeno da sensibilidade física, quer seja a vegetativa quer a animal.

Assim como descobrimos em nosso corpo os vestígios da alma divididos em fenômenos, que são a luz que nos alumia os tortuosos caminhos, também os encontramos nas coisas e nos animais.

Para exemplo, aqui estão os esplendores de que vivemos cercados. Nada poderá ter vibração sem a alma.

Figuremos esta bela capital do Rio de Janeiro, o seu luxo de aristocráticos jardins, de formosíssimas avenidas; o conjunto impressionante da arte maravilhosa; o jorro de luz estendido pela cidade, inundando os espaços, onde o murmúrio das brisas e as ondulações das vagas se entrechocam e vem morrer nas praias, recebendo, nos revérberos deste hábito marinho, a magnificência verde, os perfumes das folhagens, a inspiração da musa em flor...

Que valor teria a grandeza deste espetáculo e o fracasso de suas quedas, se não fosse a alma se extravasando de dentro desta vida?

A alma é indefinida, é impossível sondá-la, porém sabemos que existe e sentimos o seu poder...

Se as vastidões fossem todas mortas, não houvesse nenhum traço de vida animal, a beleza material seria a mesma, porém o olhar se enlanguesceria em poucos momentos, muito apavorado e triste, não havendo o movimento que é a alma do espaço.

Assim seriam também as paisagens esculpidas pelos gênios da arte, que, infelizmente, não tiveram o encanto da expressão; o banquete que sobrepujou de iguarias e adornos valorosos, mas a que faltaram a harmoniosa distinção, a reserva, o agrado, a gentileza...

Sem a alma, que é o mesmo coração, o sentimento, a humanidade não seria mais do que um maquinismo autônomo rondando na sua engrenagem...

A alma dos seres também é encontrada na variedade e na forma.

Teria graça a flor se, dividida em muitas flores, fosse sempre a mesma rosa branca ou encarnada, o mesmo tamanho, a mesma cor e o mesmo perfume?

Amar-se-iam, por acaso, homens e mulheres, sendo sempre os mesmos, a mesma feição?

Onde se acharia a alma da beleza do universo nesse molde único?

A alma exterior de todos os objetos é o contraste — beleza e feiura.

Não é a alma da ilusão a crença no sonho irrealizável?

Jamais teve segurança a amizade, senão na abnegação suprema.

A alma do destino está em esperar por ele toda a vida.

No caminho vulgar, a alma tem radiações e aspectos bizarros...

A alma da morte será mais do que a tristeza e a lembrança, deixada no coração dos vivos; mais do que a saudade, se refletindo em retalhos pelos livros, na doçura angustiosa de pensamentos, ternuras, passagens tocantes, auroras de amor, imagens persistentes, se eternizando no céu das desditosas ilusões, clareando o espírito como os fenômenos constelares?

A alma é o maior dos mistérios do mundo. As tempestades do seu seio são muito maiores do que as grandes revoltas arrebentadas nos mares.

Dentro da sua ternura carinhosa, a alma desamparada perde a indulgência, desdenha da esperança, não ama, não acredita; experimentando a decepção deseja, por muitos instantes, fazer preferência ao mal, porque o bem foi o ser nefasto e cruel da sua existência penosa, transbordante de recordações infortunadas...

A melhor das almas é sempre o abismo, o caos insondável, o vulcão formidável em constante ebulição...

Onde se esconderá esta realeza absoluta?! Seus apaixonamentos são dentro de crepúsculos, onde não passam os esplendores do sol...

E esta outra alma espiritual que os crentes afiançam existir?

Vai muito além, longe, tão longe, nas alturas infinitas sobreviver, deixando, desapiedadamente, o corpo sobre a terra...

Nossa alma será, então, resistente, como era aquela ave celebrada na mitologia?!

Depois de queimada e reduzida a cinza, ainda feliz renascia...

Assim como os fenômenos do mundo físico, os morais e os sociais estão sujeitos a transformações, passando de um estado a outro, a alma humana, segundo alguns, também se refaz.

Depois de nos deixar, toma a forma etérea dos anjos, ou fica purgando os pecados, ou, ainda, atormentada nas profundezas do inferno?!

Seria assim uma horrível imortalidade: reviver para sofrer de novo?!

Antes materializá-la, como tem feito alguns pensadores, e acreditar, de preferência, que é gerada pelos ardores do cérebro e do coração, nascida como os micróbios, como as plantas e a infinidade dos seres, que surgem à flor da vida e morrem, definitivamente.

Não será a alma dos seres o passado, a harmoniosa tristeza de um som que nos acompanha até a hora da morte, a dolorosa angústia do que se acabou para sempre?

É muito doce pensar nas venturas da outra vida, na planura que nos reserva infinitos gozos. Entretanto, esta querida ilusão, ao mais simples tropeço, cai por terra, inanimada e fria; o fim do mundo para o que morre, eu penso, é a morte.

Desde que a grande força cerebral, constantemente agitada pelos cruéis acontecimentos que escravizam e desesperam, a sacerdotisa, que penetra, sente e abrange com o olhar todas as maravilhas do universo, não sente mais, é porque a alma se extinguiu, evaporou-se com todas as vibrações de suas forças.

Parece impossível que a doçura carinhosa de um Deus infinito, cheio de indulgência e bondade, revivesse a alma para trucidá-la, martirizá-la em suplícios atrozes...

Infeliz alma, teu corpo abismado e dissolvido nas podridões é arrancado pelos engenhos da arte para ser devorado pelas torturas...

A energia visionária dos artistas, pela força da imaginação, reveste os ossos...  
Esta força violenta entre a morte e a vida é comovente.

A ressurreição dos mortos, que realmente viveram, é a memória. Esta mesma, coitados, o tempo empalidece; e, por fim, eles se enterram nos montões dos cinzeiros de esquecimento e, fatalmente, vão se acabando, perdendo o encanto, cedendo o lugar ao que é mais novo.

Quantas vezes bem vivos, em plena florescência de promessas, já estamos completamente mortos no coração dos vivos, a quem tanto amamos!...

Lembranças decorativas não recordam mortos nem vivos.

Bronzes, belezas de estátuas, relevos de espécie alguma fixam na alma as doces imagens, fazendo-as reviver senão reminiscências fugitivas, rápidos olhares de saudades. Contudo, no meio dessa indiferença, existem casos verdadeiramente admiráveis, imortalidade tocante, indo muito além do imaginável: são as grandes páginas de amor.

Abelardo e Heloísa, Dante e Beatriz, Petrarca e Laura, Tasso e Eleonora. Augusto Comte, na fase de sua vibrante paixão por Clotilde de Vaux, deu a ideia de uma religião, como complemento do seu sistema filosófico, à sua inspiradora que, ainda hoje, é objeto de grande veneração entre os positivistas. E tantas outras paixões celebrizadas, como a da infeliz soror Mariana lamentando, num convento, os seus dolorosos tormentos, em suas formosas **Cartas de Amor**; o desespero de Junqueira Freire, desolado, arrancando do íntimo do seu coração este infinito **Martírio**:

Sentir teus modos frios:

Sentir tua apatia:

Sentir até repúdio:

Sentir essa ironia:

Sentir que me resguardas:

Sentir que arreceias:

Sentir que me repugnas:

Sentir que até me odeias...

A lenda ensina que a alma, desvairada de paixão verdadeira, prefere os desertos, por onde se deixa ir e encontra o direito de se julgar, sob o domínio de visões sagradas. Nada absolutamente consegue desviá-la desta ideia única: o seu amor.

Sem jamais se manifestar diretamente, a alma enamorada conduz todos os assuntos às ilusões misteriosas, às frases secretas, ao objeto de suas adorações, sentindo na brisa, na atmosfera, nos espaços a visão dos seus queridos sonhos e, às vezes, a derrota, a humilhação esmagadora... Esta consciência é igual para todos, quer seja revelada pelo ateísmo de um descrente ou desabusado cristão. Esta alma sofredora transparece como a imaginação, se projetando no presente, no passado, e, ansiosamente, procurando atingir as longitudes do futuro... É a derradeira ilusão, embelezando os instantes da consciência ligada às emoções, à estética e à acumulação dos padecimentos, a fonte dolorosa de todas as grandezas encontradas pela arte. É o assunto da ciência mais correta e abstrata.

\*\*\*

Que deverei eu dizer da minha própria alma?

Qualquer definição será suspeita.

Eu sou uma grande apaixonada pela humanidade. Penso que seria talvez, no coração da existência, muito diferente do que pareço; mas, defronte de tanta hostilidade, os meus arroubos de sinceridade se resfriam, sentindo não ser compreendida. Mesmo assim, distingo a maravilhosa alma do povo brasileiro que eu tanto amo. Às vezes recebo, no correr dos dias, confidências terríveis; sou forçada, bruscamente, a mudar de sentimentos.

Que recados desgostantes me trazem as brisas, na doçura dos perfumes do ambiente, o sol flamejando, alegremente, à luz de suas vibrações contando os segredos da felicidade prometida, lembranças carinhosas.

Nesta confortável temperatura, há transbordamentos de ternuras. Não diviso o fingimento e sou a mais ditosa das criaturas que passam pela terra... À tarde, o coração não é mais o mesmo; definhado em quebranto, se desfolha aniquilado... Surgem os imprevistos desamáveis... Tudo se evapora; a realidade atroz, irmã da morte, abafa as mais belas primaveras da vida.

Sinto, pairando em todas as coisas, a tristeza, a aproximação da velhice, o cheiro dos túmulos... É desgostante essa lembrança. Abominável pesadelo! Prefiro decorar de alegrias o resto de claridade que ainda persiste no céu.

Lindo arrebol, paisagem admirável!

A luz enfraquecida vai, lentamente, passando pelas árvores. Não há mais nenhum fulgor dentro da palidez desta existência visionária, peneirada suavemente nas folhas, onde flutua penando a sua alma vaporosa e sutil... Imensa monotonia me traz essa hora mortuária. Tenho a sensação do deserto, de um caos profundo, aberto em plena alma. Somente meus olhos encontram escuridões apavorantes; não tenho amparo; em lugar de sorrisos, vejo formas tormentosas se elevando ao contato dos meus passos; são ofertas de agoniás ainda maiores das almas noctívagias, dentro da mudez da noite...

Deploro o isolamento; mergulhada nessa onda trágica, profundamente bizarra, onde também empalideço; desaparecendo como a luz, me afasto e despenho, pesadamente, de corpo e alma dentro do abismo...

As desgraciosas asperezas do realismo, às vezes, me revoltam, mas estende-se, pela minha alma, a piedade, que, muito carinhosamente, esconde a exaltação.

Para que analisar essas situações?

É melhor guardar silêncio do que deformar os sentimentos que a palavra, fatalmente, traria. Toda a verdade, quero dizer, a verdade inteira é, quase sempre, muito prejudicial, porque ofende e entristece. A metade, se não traduz, ao pé da letra, o pensamento, contém, por muitas vezes, uma grande utilidade, se transformando em precioso dom... É a alma gentil da civilidade.

Sou bastante prudente, nada precipito; porém os acontecimentos avançam, correm muito vertiginosos, sob a regularidade de um maquinismo feroz, ao mesmo tempo envolvido em suavidade, num ritmo traiçoeiro, e me empolgam, perversamente, intrometendo-se, na intimidade da minha vida interior; entronizando-me num inferno de suplícios, tanto mais execráveis quanto menos os mereço.

Desta dualidade de sentimentos contrários, revolvendo-se no meu ser, nascem, desastradamente, em ímpetos contidos, os momentos dolorosos...

Passo, não raro, os dias, desde o primeiro despontar da claridade até a noite, a fixar, cheia de desânimo e nostalgia, estes espaços tristonhos, estendidos ao longe. A vista, errando à toa, se perde na contemplação do azul, no interminável... Minha alma, inclinada à alegria de viver, canta risonho a harmoniosa canção da força de todos os destinos. Os lances trágicos, as constantes agoniás descem das alturas dos seus promontórios, sem mais hostilidade; confrontam-me, por tudo o que houve de

razoável, de santa nobreza, no meu proceder, transportando, aos arrebatamentos da minha alma, a sensação de um calmante delicioso, transbordante de ternura, confissão tocante, rito religioso e convencido, que enche todo o meu ser de unção divinal...

Recebo esta suave lição de caridade e perdoo tudo o que tenha sofrido, unicamente, pelo meu amor à grande fé...

Muito admirável o prestígio da vida!

Faço as pazes comigo mesma, sinto que sou capaz de ter firmes resoluções, de esquecer, de ser boa até ao supremo sacrifício... As réplicas desse refluir de sensações, oferecidas ao meu anseio, animam as minhas grandes aspirações e completam o juízo, que faço, de tantas futilidades de que vivo rodeada. Ausento-me desse meio desumano, entrelaçado, cruelmente, de enredos, de tantas mentiras; quero ser feliz...

Sinto a invasão muito sutil de alguns maus pensamentos, que, em geral, se transformam quase em terror! São os momentos de descrença pessimista, passam depressa. Quem poderá aperfeiçoar o que é por nascimento imperfeito? Nunca me alterei com os entusiasmos de certas criaturas, nem jamais me intrometi em coisa alguma.

Toda a minha vida tem sido de recolhimento e modéstia; nem mesmo atrás da moda tenho corrido, meus vestidos são muito simples. Em tempo nenhum, decorei o meu rosto com as pinturas de pomadas e carmim; apresento-me, em tudo, como a natureza me formou.

Neste ambiente obscuro, sem saber de que forma sou considerada ou querida, não tenho a pretensão de ser lembrada e também não me recordo de ter feito qualquer tentativa para sair da sombra, onde terei de morrer.

Os meus pensamentos nada mais são, talvez, do que reflexo dos meus desejos e das minhas aspirações por tudo o que é grande e nobre.

A fonte inesgotável das minhas secretas meditações me traz plena certeza de tudo o que observo no seio da humanidade; e tudo me parece triste, uniforme, por vezes, hostil e injusto...

Depois de satisfeita a ambição do seu amor próprio, se abisma, na agonia do realismo grosseiro, a frágil humanidade.

A política é detestável, estranha, em regra, a todos os sentimentos nobres; nela envolvido o homem, para subir, quantas vezes se arrasta às baixezas e até ao crime...

Os seres são, mais ou menos, disformes. Penso que todos têm qualquer tara orgânica ou psicológica, seria difícil definir, que os separa do tipo ideal das raças. Essas taras reunidas constituem, segundo os casos, os temperamentos distintos dos povos ou as tendências gerais de uma época.

Assim, são elas a base das filosofias, da política, de todas as leis, que dirigem as sociedades, e as fazem cair em erros, no racionalismo exagerado ou socialismo revolucionário.

Esta é a feição mais real da vida, a alma formidável da sociedade, a sedutora querida daqueles que vivem de si mesmos, sem repousar o espírito desocupado e despreocupado.

Talvez seja aí que esteja a alma radiosa de todas as felicidades...

\*\*\*

Mal desponta a aurora, já a sombra crepuscular vem projetando, sobre a terra, a vibração da sua alma imortal, ressuscitando, fatalmente, dentro dos dias...

As horas se passam, todas iguais, como as semanas, os meses e os anos, numa rápida e vertiginosa corrida.

Assim, vejo empalidecer a vibração dos sentimentos, que foram outrora a luz gloriosa das minhas noites sem estrelas... Por vezes, tenho a impressão de um deserto insondável, não creio em mais nada, parece que o meu ser vai se extinguindo, numa nuvem, e se desfazendo, lentamente, como a fumaça.

Tenho medo de morrer e medo de viver... Nesta febre visionária, sinto estendida sobre a minha atividade cerebral um verdadeiro isolamento, onde reina a maior monotonia.

Então, diviso ainda, por toda a parte, somente decrepitude e tristeza.

Se procuro seguir algum caminho, encontro aberturas fantásticas, estirões de pedra e paredões de espinheiros apavorantes; os próprios terrenos são movediços, traidores...

Volto sobre os passos comovida, aterrada; esta é a alma enganadora dos instantes sem conforto. A ilusão morrendo...

E o espírito, sempre em luta com o coração, vai resistindo, se submetendo muito docemente...

Defronte desta grande claridade, em que hoje, excepcionalmente, o sol revive, derramando-se pela terra, sem querer, invoco lembranças, que pareciam mortas...

Quantas baixezas, quantas humilhações jorram pelo mundo, atravessando a indiferença da triste alma universal, sem consolo nem conforto!

Desgraçada contingência de todos que carecem de apoio...

A alma grandiosa de altivez é a liberdade; mas esta não existe. Quem poderá gabar-se de ter plena independência? Era preciso que cada um vivesse de si próprio e da sua própria seiva, também se alimentasse, numa solidão física e moral...

A liberdade sonhada pela humanidade não é mais do que linda miragem furtiva... O curso inevitável de toda existência é sempre este, invariavelmente: temer, respeitar, humilhar-se, ser eternamente escravo... A sentença é atroz, martirizante, mas não há remédio...

Às mesmas horas, nos mesmos dias, têm todos de seguir os seus deveres... Ainda quando as dúvidas atingem o coração farto de ser bom e de tanto sofrer, docemente se curva, obedecendo sempre...

Se não houvesse ambição, talvez estivesse a humanidade um pouco mais perto da ventura. Esta deusa do mal mata e corrompe os melhores sentimentos. Depois de ter sondado o poder da falsidade, quando o comunismo da alma agonizante sente a dor, se prostra na tristeza, símbolo da negação de tudo o que o ideal arquivou... Desolada, desiludida, vai a desditosa aos trambolhões, empurrada pela sorte, sempre debaixo da contrariedade e do despeito profundo. Nem a recompensa do amor conforta ao que apenas fica acompanhando o rastro apagado de suas ideias...

Filosofias, crenças, tudo cai, evaporando-se, fantasticamente.

Só a grandeza do nada aparece na sombria e desgraçada noite sem luares, sem bafejos de brisas, sem cor, sem perfumes...

É muito desgostante o isolamento moral! Lembra os pródromos de uma paixão doentia. Queremos, ao menos, sentir em sonho, de qualquer forma experimentar o amor delicioso de alguma perfeição, confundir, morrer de felicidade, ouvir as harmonias da alma cantando a sinceridade... Neste transe é que assistimos à passagem das missões decretadas pelos poderes da sociedade...

Todos vão ao mesmo fim, cheios de esperanças, submissos, risos nos lábios, mas despedaçados de dor, quantas vezes pensando no suícidio, odiando tudo que os hostiliza; mas conduzindo, religiosamente, um escrúpulo temeroso e do qual jamais se cansa — o exame contínuo da consciência de sua alma ligada a todos os pensamentos e ainda às decisões mais graves... Todo esse bando de ideias alucinantes corre apressado, subindo os valados, atravessando as tradições, as meditações e os julgamentos que o possam honrar e justificar.

Nessa miragem dos desertos, acreditando nos tormentos, o homem se paralisa respeitoso, falando, livremente, à alma solitária, movida pelos tremores da brisa. É a sua própria alma refletida em toda a parte, é a existência dos outros. São os gênios partilhando a sua atenção, os diálogos de seus pensamentos, a febre exaltada, a marcha de suas passadas, a visão dos sonhos, se enlargetecendo sem corresponder ao segredo dos seus desejos, mas o arrastando sempre mais para o abismo...

Não acompanho os pessimistas que julgam a melhor conquista da felicidade a morte. Em verdade, a vida é um anseio estertorante, a agonia entrelaçada de torturas, é uma doença contínua; também é impureza, tirania abominável; mas a morte é a escuridão, o insondável, o despenhadeiro profundo, onde somente consegue vegetar o micrório, a podridão, que corrompe a beleza, e tudo que há de grande e admirável, até o mérito.

3 de maio de 1934.